

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Neves, Victor, 1956-

Editorial : a cidade é uma obra de arte

<http://hdl.handle.net/11067/5022>

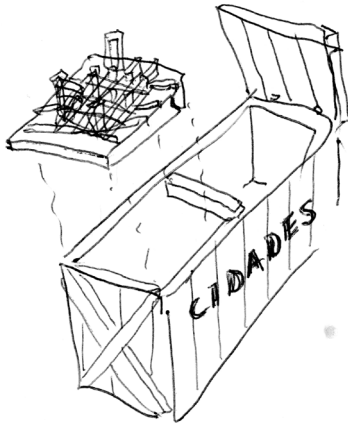
Metadados

Data de Publicação	2011
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] SdA, n. 06 (2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T16:47:59Z com informação proveniente do Repositório

EDITORIAL

A CIDADE- é uma obra de Arte. VIÍCTOR NEVES Dr. Arquitecto/Universidade Lusíada de Lisboa



Key-words: Cidade, Concentração, Dispersão, Informação, info-cidade, eco-sustentabilidade *City, Concentration, Urban-sprawl, Information, e-city, Eco- sustainability*

The City is an inevitable theme of the architectural universe. In general, it defines the intervention of architecture in the urban environment, but also defines a concept of rule, a rule that architecture establishes in the territory colonized by man. The city is also an institution of civilization, a sophisticated man-made habitat and a place of centennial confluence of knowledge and art. The continuous and uncontrolled growth of urban areas, the lack of city limits, the lack of housing, the lack of basic infrastructure, social exclusion and a huge ecological footprint, are some of the problems affecting contemporary cities, worsen by the continued, uncontrolled and dispersed occupation of rural territories. The city has FORM and so the city has DESIGN. And in that extent, the city is A WORK OF ART.

In the future, cities will operate in network and people will have a mobility of communication never seen before. Physical communication and communication of information, which will support also the awareness of eco-sustainability and environmental friendliness.

Cidade é o tema deste sexto número das *Sebentas D'Arquitectura*. Um tema esperado e quase obrigatório, porque a cidade tem sido também o tema geral de um conjunto de exercícios projectuais de âmbito académico, desenvolvidos pelos alunos do curso de Arquitectura da Universidade de Lusíada de Lisboa. Mas, para além desse facto singular e circunscrito, a cidade é, sempre foi, um campo de acção e de investigação privilegiado para os arquitectos e para a arquitectura. É um tema incontornável do universo arquitectónico.

No geral, define a intervenção da Arquitectura no meio urbano, mas também define, em parte, um conceito de regra, de uma regra que a arquitectura institui no território colonizado pelo homem. E define também uma escala supra--edificatória, que envolve disciplinas e áreas do conhecimento tão diversificados como o paisagismo, as engenharias, a sociologia, a geografia, a antropologia, a política, por exemplo.

Em síntese, a cidade é, também, uma instituição civilizacional, um *habitat* sofisticado construído pelo homem e um centenário lugar de confluência de conhecimento, de arte e de arquitectura, no seu plano mais erudito.

Ou seja, a cidade tem sido ao longo de séculos um lugar onde se concentra cultura. E é também o *habitat* preferido pelo Homem. Esse é um dos factos

mais evidente (e dramático) deste nosso século XXI, porque hoje a maioria da população mundial concentra-se nas cidades, ao contrário do que acontecia até finais da década de 60, do século XX. A aglomeração de pessoas nas cidades, a crescente terciarização da população que actualmente se verifica, sobretudo no mundo ocidental, faz prever que em 2030 as cidades do mundo acolherão 75% da população mundial, que entretanto, crescerá a um ritmo de 2 a 5% ao ano . Mas grande parte dessa população vive e irá viver nos próximos anos em condições inaceitáveis.

As chamadas “*shanty-towns*” estão a crescer exponencialmente.

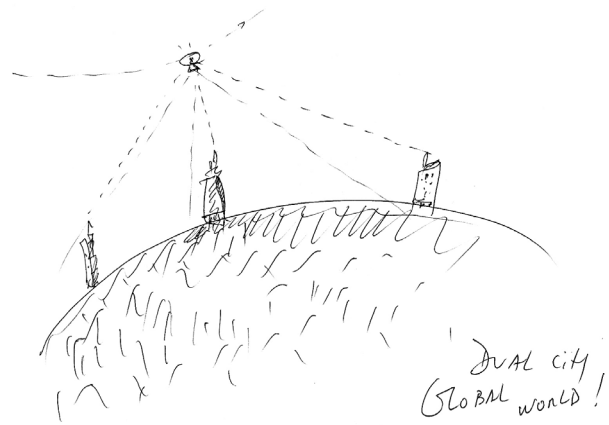
Cerca de 1000 milhões de pessoas (1/3 da população urbana mundial) vivem na periferia das cidades, em bairros de lata ou favelas. Essa população que deixou as zonas rurais para procurar trabalho e novas oportunidades na cidade, deu origem ao que se chama “urbanização da pobreza”. Nas regiões desenvolvidas, o problema dos bairros de lata é a excepção que afecta 6% dos habitantes. Mas no mundo em desenvolvimento ou no chamado terceiro mundo, afecta amplas camadas da população. A percentagem da população urbana que vive em bairros de lata, era em 2008, de 71,9% na África Sub-Sariana; 28,2% no Norte de África; 31,9% na América Latina; 36,4% no Este Asiático e 58% na Ásia do Sul e Central. A concentração de pessoas nas cidades atinge hoje uma escala nunca antes imaginável: cidades com Tokio, com 32 milhões de habitantes, Cidade do México com 18 milhões; Nova Iorque com 17 milhões, Pequim com 11 milhões (e com forte tendência de aumento) , ou Bombaim com cerca de 22 milhões de habitantes são algumas das mega- cidades do nosso mundo contemporâneo, ou seja cidades com população superior a 5 milhões de pessoas. Segundo alguns

cientistas , estas mega-cidades poderão ascender a 60 já em 2015, albergando mais de 600 milhões de pessoas.

Essa concentração denuncia uma apetência das sociedades contemporâneas para fazer confluir nas áreas urbanas os fenómenos económicos e políticos, que caracterizam as sociedades mais desenvolvidas que, por sua vez e em grande parte dos casos, servem de modelo de “desenvolvimento” para o resto do mundo . Mas também concentram um conjunto impressionante de problemas – em número, complexidade e escala: violência, racismo, exclusão social, falta de cuidados de saúde básicos etc., etc.

No entanto, e analisando com mais pormenor e rigor o fenómeno de concentração urbana, verificamos que ela (a concentração) é fictícia, pois na realidade o que ocorre, na generalidade das grandes cidades, é uma enorme ocupação do espaço, sem qualquer tipo de ordenamento. Ao invés de **concentração**, o que temos em grande número das áreas classificadas como urbanas, é **dispersão urbana** (*urban-sprawl*). Fenómeno que, no caso português, é recorrente e causa de grande parte dos problemas que envolvem o planeamento e gestão do território e da paisagem. Por isso tem sido um tema de investigação por parte de muitos arquitectos, docentes e projectistas.

O crescimento contínuo e descontrolado das áreas urbanas; a ausência de limites da cidade; as carências de habitação; as precárias condições de habitação e de trabalho; a ausência de infra-estruturas básicas; a exclusão social e a enorme pegada ecológica, são alguns dos problemas que afectam as cidades *contemporâneas*, que se agravam com a construção dispersa e com a ocupação contínua e descontrolada do território.



Como se resolvem esses problemas? Muitos acreditam que alguns deles já não têm solução – como seja o caso das favelas no Rio de Janeiro e na cidade de São Paulo, por exemplo. Diga-se, aliás, que essa declaração de cepticismo, de alguns, é reforçada pelo observado falhanço dos instrumentos tradicionais de planeamento (os Planos), em muitos casos.

As intervenções selectivas que os arquitectos têm realizado nas favelas do Rio de Janeiro, parecem provar, no entanto, que há solução para todos os problemas, mas que essa solução surge através do desenho, do processo de dar forma e ordem à cidade, através, fundamentalmente, da arquitectura.

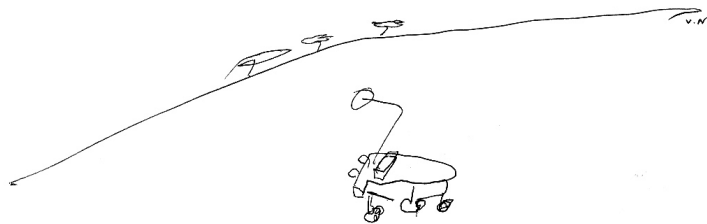
O desenho gera forma urbana, mas esta não pode ser encarada como uma mera consequência ou derivação directa de diagnósticos e de processos de análise, vindos de várias áreas do planeamento e gestão do território, de compromissos que depois se fundem em conclusões, às quais o desenho deve dar sequência. Ao contrário, acreditamos que o desenho é o instrumento fundamental que deve sublimar o conceito de cidade, e que deve orientar e conduzir o processo de “fazer cidade” e de “planear” o território através da manipulação do “espaço”, da “forma” e da “ordem” - aqueles elementos essenciais que, afinal, sempre estão presentes na Arquitectura. E da mesma forma, quando utilizamos a geometria e o número ao projectar um edifício, construindo uma síntese de beleza e rigor que classifica a arquitectura, também quando desenhamos a cidade ou parte da cidade, espaço público ou equipamentos, os utilizamos.

A cidade tem forma e portanto a cidade desenha-se. E inventa-se nas suas múltipla facetas de criação humana e de corpo projectual, que se define na órbita da arquitectura. E por isso, **a cidade é UMA OBRA DE ARTE.**

No entanto, o fenómeno urbano que envolve toda a problemática da intervenção da arquitectura e do arquitecto, na cidade e no território, tem mudado muito nas últimas décadas e irá mudar muito mais rapidamente num futuro próximo, a avaliar pelos sinais que a nossa contemporaneidade nos vai dando. Muito provavelmente, as cidades do futuro funcionarão em rede e as populações terão uma mobilidade de comunicação nunca antes vista. Comunicação física e comunicação de **informação**.

Ao contrário do que seria de esperar, é muito possível que essas enormes redes de comunicação emergentes permitam uma maior permanência das populações na sua área de residência, porque o **tele-trabalho** é uma realidade em franco desenvolvimento. A recente epidemia da gripe A, que forçou muitas pessoas a permanecer em casa de quarentena e a trabalhar em casa, veio provar que o tele-trabalho é já encarado como uma alternativa viável ao actual e universalizado modelo de trabalho que, em regra, separa os locais de residência e de trabalho. A revolução digital, que caracteriza a **info-cidade**, irá, com certeza, inverter o princípio da separação entre casa e trabalho e a ideia de **zonamento** da cidade que o séc. XX nos legou e que foi consagrado na carta de Atenas.

E será esta nova **info-sociedade** compatível com a necessidade humana de pertencer a um **lugar**? A um *locus* ao qual se remete a nossa cultura sedentária urbana e arquitectónica que herdámos da 2ª metade do séc. XX? As respostas a estas perguntas são incógnitas, que dependem fundamentalmente das relações contratuais na área do trabalho. Sobressairão o trabalho precário e a rotatividade do emprego com a consequente deslocalização de empresas e trabalhadores? - Ou pelo contrário assistir-se-á a uma maior estabilização e especialização do



emprego?

De uma forma ou outra, é de esperar que as cidades mais atractivas, pelo seu clima, pelo seu enquadramento paisagístico, pela qualidade dos seus espaços e equipamentos públicos, pelo seu nível de sofisticação tecnológico, sejam mais procuradas e também as mais caras e mais inacessíveis, tal como acontece agora. A atractividade pela qualidade será cada vez mais premente, tal como já acontece hoje. As populações urbanas (e suburbanas) já não se contentam com o indispensável - infra-estruturas básicas, equipamentos, espaços públicos – exigem também **qualidade**. E essa qualidade envolverá também a **eco-sustentabilidade** e o respeito pelo **ambiente**, - tema fundamental e transversal da arquitectura do séc. XXI. E é essa qualidade que ditará a diferença entre as cidades, e também a postura dos arquitectos quando desenham (desenharem) a cidade.

Bibliografia

- *Mitchell, J. William* - E-Topia, Barcelona, GG, 2001
 - *Neves, Victor* – A Cidade Núcleo - Manifesto para uma cidade concentrada. Edições Universidade Lusíada, Lisboa, 2010.
 - *Neves, Victor* – Globalização, in *Sebentas d'Arquitectura*, nº3, Edições Universidade Lusíada, Lisboa, 2001.
 - *Virílio, Paul* – A Inércia Polar, Lisboa, D. Quixote, 1993.
- Megacities -our global urban future, www.yearofplanetearth.org